

EM NOME DO PAI: O INSTITUTO SOCIAL E A PROFISSIONALIZAÇÃO DO TRABALHO DOMÉSTICO NAS DÉCADAS DE 1940 A 1970

Aluna: Marina Kersting Pereira

**Orientadores: Marco Antonio Villela Pamplona, Silvia Ilg Byington, Eduardo Gonçalves
e Clóvis Gorgônio**

1.0- Introdução

Em meados do século XX, algumas mulheres iam para a faculdade para aprender a ser donas de casa. Quando tomei consciência desse fato eu achei engraçado, um pouco estranho. Na minha visão, era muito natural que, então, as mulheres costurassem roupas, limpassem a casa e a louça e cuidassem dos filhos. As tarefas de casa pareciam ser algo corriqueiro e fácil, mesmo que eu nunca tenha sequer tentado enfiar uma linha numa agulha. Não fazia sentido que fosse necessário um curso universitário para algo que as mulheres já pareciam nascer sabendo. O quão difícil poderia ser cuidar de uma casa?

Admito, também, que como uma criança nascida no início dos anos 2000, o modelo de mulher era forte, independente e com uma carreira de sucesso. Para mim e para tantas outras mulheres da minha geração, o trabalho doméstico era a última coisa que eu pretendia fazer. Passei a adolescência assistindo filmes e séries em que as mulheres mais descoladas eram aquelas que não se aventuravam a tocar em uma colher de pau. Depois de tantos anos, as mulheres finalmente haviam conseguido sair da prisão dos lares e se jogavam em um mundo repleto de possibilidades profissionais. Eu, ao contrário das mulheres submissas confinadas ao lar e à cozinha, seria uma mulher independente.

E então, eu conheci o Instituto Social do Rio de Janeiro (1937-1967). Destinado às jovens de classe média e alta, a instituição oferecia dois cursos: Serviço Social e Educação Familiar. A partir da análise dos anuários da PUC-Rio disponíveis no acervo do Núcleo de Memória e em outros documentos institucionais da época, como programas de disciplinas do período, regimento interno e cartas administrativas mergulhei nos cursos. Nesta pesquisa, procurei compreender como os discursos sobre a família e o papel das mulheres eram mobilizados por diferentes atores da sociedade. O projeto da Igreja que apontava o espaço das mulheres como o privado foi liderado por mulheres que o transformaram drasticamente. As mulheres se profissionalizavam, no lar como donas de casa e nas ruas como educadoras familiares e assistentes sociais.

Gerenciar uma casa demanda tempo, meios e técnicas. O trabalho doméstico é muito mais do que a realização de tarefas de casa, ele é a base da sociedade. É a partir dele que as crianças são educadas e que os trabalhadores se alimentam e descansam para que possam continuar produzindo. Mais do que limpar as paredes de casa, as mulheres quebravam os limites imaginários – mas muito rígidos – do feminino. Ao estudar sobre o Instituto Social, percebi que uma mãe que cuida da família é como um presidente que governa um país. Muito diferente do que eu imaginava quando me deparei pela primeira vez com essas jovens alunas, as mulheres gestoras dos lares se moviam muito mais do que vassouras e espanadores.

O presente trabalho de Pesquisa em Iniciação Científica foi realizado por mim, Marina Kersting Pereira, graduanda de Comunicação Social - Jornalismo da PUC-Rio e bolsista de Iniciação Científica do Núcleo de Memória da PUC-Rio. O Núcleo é vinculado à Reitoria e é coordenado pelo professor Marco Antonio Villela Pamplona. Também conta com os pesquisadores Clóvis Gorgônio, Silvia Ilg Byington e Eduardo Gonçalves, o fotógrafo Antônio Albuquerque, e atualmente, além de mim, mais três bolsistas de Iniciação Científica: Celya Cristina Cunha Alves de Oliveira, Midian Tavares e João Paulo Medeiros da Costa.

Este relatório lista as atividades realizadas por mim no período de julho de 2023 a julho de 2024, dividindo-se em duas partes:

- Relatório Técnico: um resumo das atividades realizadas coletivamente e individualmente;
- Relatório Substantivo: o texto que consolida o meu trabalho individual de pesquisa.

2.0– Relatório Técnico

2.1 – Atividades em Equipe

- Tivemos reuniões semanais com a participação de toda equipe: coordenadores, pesquisadores e bolsistas; tendo como principais atividades a elaboração de projetos, sistematização da agenda de tarefas, troca de experiências e discussão de textos em seminários;

- **10/07/2023** - A equipe discutiu os resumos de PIBIC dos bolsistas João e Túlio. Em que os bolsistas apresentaram os Resumos e em seguida a equipe fez comentários;

- **17/07/2023** – A equipe realizou um Seminário, conduzido pela pesquisadora Silvia Ilg e pela bolsista Danielle Larrate, a partir do texto Patrimônio, Negociação e Conflito de Gilberto Velho. Depois, a equipe discutiu o Resumo da bolsista Danielle;

- **14/08/2023** – Os pesquisadores haviam previamente informado sobre a Exposição sobre os 40 anos da Fundação Padre Leonel Franca. A profa. Margarida apresentou a primeira versão o texto de abertura da exposição e a equipe fez comentários e sugestões. A equipe também discutiu sobre os módulos da exposição;

- **21/08/2023** – Os bolsistas Túlio e João apresentaram os seus relatórios para as Jornadas de PIBIC. A equipe repassou e debateu sobre os módulos da exposição para a Fundação Padre Leonel Franca e conversou sobre o Instagram do Núcleo de Memória e as próximas publicações;

- **28/08/2023** – A equipe discutiu sobre o projeto de monografia da bolsista Danielle Larrate e a pesquisa da bolsista Marina Kersting. A equipe também repassou o andamento da produção da exposição, discutiu sobre o Instagram e preparou o cronograma de setembro. O pesquisador Eduardo agendou reuniões com os bolsistas João e Túlio para a revisão e a formatação final dos Relatórios de PIBIC;

- **11/09/2023** – A equipe discutiu sobre os últimos detalhes da exposição nos pilotis, Eduardo repassou os horários dos monitores da exposição. O bolsista Túlio apresentou a proposta de e-pôster para a equipe, João apresentou a sua proposta de apresentação oral. No fim, a equipe discutiu novamente sobre o Instagram e ajeitou o cronograma de setembro;

- **25/09/2023** – Os bolsistas João e Túlio fizeram os ensaios finais das suas apresentações de PIBIC: João apresentou o texto e os slides da sua apresentação oral e a equipe fez comentários e o bolsista Túlio fez a apresentação do seu e-pôster para a equipe. A equipe comentou sobre o sucesso da exposição Fundação. No fim, a equipe discutiu novamente sobre o Instagram e ajeitou o cronograma do mês;

- **23/10/2023** – O Núcleo de Memória é o responsável pela produção do anuário da PUC-Rio e na reunião a equipe discutiu sobre os toques finais. Antônio foi o encarregado de fazer as fotografias para a capa para a equipe escolher na próxima reunião. O prof. Marco comentou que foi convidado a fazer parte do Conselho de Identidade e Missão da PUC-Rio. Ele também assinalou que recebeu o documento sobre a previsão orçamentária para 2024. A bolsista Marina Kersting apresentou o andamento da pesquisa e a equipe fez comentários;

- **06/11/2023** – A equipe comentou sobre a finalização do anuário. O prof. Marco comentou sobre a proposta de publicação dos trabalhos de PIBIC em e-book e a profa. Margarida comentou sobre o novo seminário de texto da equipe. A equipe discutiu sobre as

publicações no Instagram e a bolsista Ana Amorim informou da conversa com a bolsista Marina Kersting para acompanhamento do trabalho. Eduardo apresentou para a equipe a proposta de cartaz para seleção de bolsista e a equipe fez sugestões e comentários;

- **13/11/2023** – A equipe discutiu a proposta de publicação dos trabalhos de PIBIC do Núcleo no formato de uma revista virtual para 2024. A equipe discutiu sobre a seleção dos candidatos para o Núcleo e escolheu a capa do Anuário de 2022;

- **27/11/2023** – A professora Margarida coordenou o seminário *Galeria De Las Colecciones Reales*;

- **11/12/2023** – A equipe conversou sobre a nova sala do Núcleo. Marco, Clóvis e Eduardo relataram para a equipe o processo de seleção de um novo bolsista para substituir a bolsa da Ana Amorim. A bolsista preparou uma apresentação com o número de acessos e de seguidores no Instagram do Núcleo. No fim, a equipe discutiu sobre o acabamento do anuário de 2022, assembleia universitária e a programação para o mês de janeiro;

- **20/02/2024** – A equipe discutiu as atividades da equipe e os horários dos bolsistas no período. Os bolsistas João, Celya e Marina apresentaram as propostas PIBIC e Danielle A comentou apresentou a escrita do primeiro capítulo da Monografia;

- **27/02/2024** – A equipe realizou o seminário e debateu o capítulo “Memória Identidade Projeto” do antropólogo Gilberto Velho;

- **04/03/2024** – Os pesquisadores Sílvia, Clóvis e Eduardo fizeram um relato da visita ao Arquivo dos Jesuítas, em Botafogo com o arquivista padre Roberto. Eduardo apresentou para a equipe o cronograma de trabalhos do PIBIC para este ano. A bolsista Danielle atualizou a equipe sobre sua Monografia;

- **18/03/2024** – Os bolsistas João e Marina atualizaram a equipe sobre as pesquisas PIBIC;

- **01/04/2024** – O pesquisador Eduardo apresentou para a equipe o site no PIBIC o cronograma de entrega e os documentos que serão enviados – o resumo e o relatório. Em seguida, a equipe fez a revisão do cronograma de PIBIC.

- **08/04/2024** - Os bolsistas apresentaram as atualizações dos seus projetos de PIBIC. Os pesquisadores Clóvis e Sílvia comentaram sobre a apresentação do Núcleo de Memória na disciplina Oficina I da profa. Crilayne Afagali (HIS) e sobre a primeira oficina do Núcleo de Memória na disciplina História na Era Digital do prof. Deivision (HIS);

- **15/04/2024** – A equipe discutiu as atividades da equipe e os horários dos bolsistas no período. Os bolsistas João, Celya e Marina apresentaram as propostas PIBIC e Danielle apresentou a escrita do primeiro capítulo da Monografia;

- **29/04/2024** – Os bolsistas falaram sobre o andamento de suas respectivas pesquisas de PIBIC;

- **06/05/2024** - A equipe recebeu a profa. Margarida de Souza Neves para uma entrevista sobre a sua atuação no Movimento Estudantil da PUC-Rio;

- **13/05/2024** - Apresentei a primeira versão do meu Relatório de PIBIC;

- **20/05/2024** - A equipe conversou sobre o planejamento das publicações do Núcleo de Memória. O bolsista João relatou a sua pesquisa no Arquivo da Província dos Jesuítas do Brasil;

- **27/05/2024** - A bolsista Celya listou algumas entrevistas que deseja realizar para dar prosseguimento à sua pesquisa;

- **03/06/2024** - Eu e o bolsista João apresentamos nossos relatórios de PIBIC para a equipe;

- **17/06/2024** - Clóvis relatou uma série de pesquisadores que procuraram o Núcleo para auxiliar nas suas pesquisas. Conversou-se sobre o acervo do Comunicar e sobre possíveis usos e formas de armazenamento para não perder o material;

- **24/06/2024** - A equipe visitou o Solar Grandjean de Montigny. Danielle contou sobre sua monografia tratando do local e todos visitaram os diversos aposentos da casa, atentando-se também para a exposição que estava acontecendo ali.

2.2- Atividades Individuais

Como bolsista de Iniciação Científica do Núcleo de Memória tenho atividades que estão intimamente conectadas com a minha pesquisa PIBIC e outras atividades que realizo por ser integrante do Núcleo e que não são diretamente ligadas com a pesquisa.

- Trabalhei no cadastramento de metadados para o banco de dados do site do Núcleo de Memória;

- Sou responsável junto com a Ana Amorim pelo perfil no Instagram do Núcleo de Memória. Semanalmente publicamos reels, posts e Stories sobre a atuação e acervo do Núcleo. Além disso, trabalhamos para criar publicações inéditas e que levem em conta o maior aspecto da história e memória, sempre mirando no crescimento do engajamento e visibilidade da conta;

- Fui monitora da exposição Fundação para comemorar os quarenta anos da Fundação Padre Leonel Franca entre os dias 18 a 22 de setembro;

- Participo do Grupo de Trabalho que realiza reuniões para a criação do novo site do Núcleo de Memória e para aprimorar a atuação nas redes sociais. Também participam do grupo os pesquisadores Clóvis Gorgônio, Silvia Ilg Byington e Eduardo Gonçalves, o diretor Marco Pamplona e as convidadas Ana Amorim e Cristina Rebelo;

- Leitura dos Anuários físicos do ano 1946 até 1968 disponibilizados na sala do Núcleo;

- Leitura dos livros “Manifesto Antimaternalista”, da psicanalista Vera Iaconeli, “A origem da família, da propriedade privada e do Estado” de Friedrich Engels e “O lado invisível da economia” de Katrine Marçal;

- No curso de Filosofia, as seguintes disciplinas auxiliaram na constituição deste presente trabalho: História da Filosofia Contemporânea III e História da Filosofia Antiga II.

3.0 – Relatório Substantivo

EM NOME DO PAI: O INSTITUTO SOCIAL E A PROFISSIONALIZAÇÃO DO TRABALHO DOMÉSTICO NAS DÉCADAS DE 1940 A 1970

3.1- Belas, recatadas e do lar

O Brasil elegeu a primeira mulher presidente apenas em 2010. Seis anos depois, Dilma Rousseff sofreu um impeachment. No momento em que o Plenário da Câmara dos Deputados decidiu por 367 votos destituir uma presidenta democraticamente eleita, eu voltava da escola. Assisti alguns minutos pela televisão dos pilotis da PUC-Rio. Em um clima de festa, os deputados federais se aglomeravam num êxtase coletivo, ovacionavam todos aqueles que votavam sim e vaiavam quem votava não. Lembro de ver Wladimir Costa berrando ao microfone de forma rítmica: “Quem vota sim põe a mão pra cima, põe a mão pra cima”. E das suas mãos erguidas estoura um pequeno canhão de confete. Os deputados vão à loucura. Fora os berros e clamores, a maioria dos deputados foi à tribuna votar com uma motivação principal: sua família. “Pelo meu neto Pedro e por todas as famílias de bem”, gritava Marcos Tebaldi (PSDB-SC). “Pelos meus filhos, o Bruno e o Felipe”, vibrava Jorginho Melo [1].

Pela honra da família, pela esposa, filha e até os filhos que ainda sequer haviam nascido eles votavam sim. Essas imagens ainda ressoam na minha cabeça. Especialmente a fala do deputado federal Jair Bolsonaro, presidente eleito na eleição seguinte. Além de justificar o voto pela família, ele homenageou o torturador Carlos Brilhante Ustra. Consciente em atualizar o golpe de 1964 em 2016, ao exaltar o torturador de Dilma, ele também atualiza a dor de todos que sofreram com a violência do regime militar. Agora, em 2024, completam 60 anos da instauração da ditadura militar no Brasil e um ano da tentativa golpista de 8 de janeiro de 2023. Sustentando a fala de Bolsonaro está a lógica do discurso que permeou toda sua carreira

política: Deus, Pátria e Família. O mote não é exclusivo de Bolsonaro, desde que existe Brasil, a família é centro da disputa política no país.

Pensar os discursos por trás do conceito de família é entender o modo de pensar de uma sociedade e pensar os discursos sobre a família é tentar entender um pouco o Brasil. Os discursos marcam a dicotomia frágil entre público e privado em nosso país. São ferramentas poderosas e importantes no debate público. Logo depois de assumir a presidência depois dos acontecimentos da Plenária, Michel Temer dizia o seguinte em seu primeiro pronunciamento: “O governo é como sua família. Se estiver endividada, precisa diminuir despesas para pagar dívidas. Por isso, uma de nossas primeiras providências foi impor limites para os gastos públicos” [2]. Escondida na fala, está a correlação entre família e Estado, em que ambos necessitariam de ordem, lugares e funções bem delimitadas. A família, muito mais do que uma instituição do Estado, é um núcleo importante de sociabilidade, um espaço político.

E essa correlação entre família e Estado não é novidade do século XXI. Seja a fala de Temer ou a de Bolsonaro, ambas estão fundamentadas em estratégias e discursos antigos. O mote de Bolsonaro remete à Ação Integralista Brasileira, movimento político ultranacionalista, inspirado no fascismo italiano, fundado em 7 de outubro de 1932 pelo escritor e jornalista Plínio Salgado. A organização de influência fascista era contemporânea do governo de Getúlio Vargas, que era conhecido como pai dos pobres. Ambos, nas décadas em que a pesquisa se debruça, souberam conduzir muito bem os discursos que entrelaçam família e Estado. De volta ao século XXI, o período da presidência de Temer também ficou marcada pela frase “Bela, Recatada e do Lar”, os três adjetivos são o título da reportagem da revista *Veja* sobre a primeira-dama Marcela Temer. Se o governo é como a família, os deveres e a atuação de um presidente são públicos e bem delimitados. Mas no jogo político e social, qual o papel das primeiras damas?

3.2 - Primeiras damas

Em uma das conversas corriqueiras antes da reunião de equipe do Núcleo de Memória para discutir o andamento das pesquisas de Iniciação Científica, conversávamos com a professora Margarida de Souza Neves, pesquisadora do Núcleo e Professora Emérita do Departamento de História. Ela revelou que estava revisitando memórias da infância no capítulo que escreveu no livro *Colégio Sacré Coeur de Jésus: Morro da Graça: sua história, nossas memórias* [3] e tinha uma memória interessante para me contar. Vinda de uma família da elite carioca, ela estudou no colégio franco brasileiro Sacré Coeur de Jésus, localizado no bairro de Laranjeiras no Rio de Janeiro. Dentre as piadas sobre a rigidez das regras da instituição e as alegrias da juventude, contou que um dia a mãe havia virado para ela – que era ainda uma criança – e sem cerimônia informou que: era objetivo da educação da escola que elas se tornassem mulheres de presidentes da república. E com um sorriso de canto de boca – como quem sabe o impacto das próximas palavras – me confessou: o que talvez a mãe não suspeitasse é de que o enunciado tinha um avesso inesperado, que minha geração não custou a descobrir. Se éramos educadas para sermos as mulheres dos presidentes, isso também significava que poderíamos virar o jogo, porque éramos mulheres capazes de presidir qualquer coisa, inclusive a república, se fosse o caso.

Mais do que uma lembrança divertida, a história é uma resposta espirituosa a um problema amplamente conhecido pelas mulheres. Se por trás de todo grande homem haveria uma grande mulher, é porque há uma série de tarefas necessárias para a manutenção da vida. À sombra dos homens, às mulheres coube o espaço privado. Eles, tidos como o universal, se lançavam ao mundo, enquanto a elas cabiam a proteção e a privacidade da casa. Eles sim tinham trabalhos difíceis e importantes, enquanto elas poderiam cuidar do lar e se preocupar apenas com futilidades como escolher uma cor para a toalha de mesa que combinasse com a da cortina.

O afazer doméstico é todo o trabalho invisível que permite que o trabalho economicamente relevante seja feito. Segundo a ONU, o trabalho não remunerado de cozinhar, limpar a casa, cuidar de crianças e idosos representa de 10% a 39% do PIB dos países [4]. Essas atividades, no entanto, não criam bens tangíveis que possam ser comprados, trocados ou vendidos. Além disso, para o senso comum, mas também para muitos economistas de hoje e de décadas atrás, as tarefas são feitas a partir da benevolência e altruísmo das mulheres. Por isso, não precisam ser remuneradas.

Como o seu jantar chega a você é uma questão fundamental da economia. No livro “O lado invisível da economia: uma visão feminista do capitalismo”, a escritora Katrine Marçal questiona sobre as bases da economia e o pensamento econômico. Com base na teoria e nos escritos de Adam Smith, a autora analisa como a ciência econômica começou a perceber as leis que regem a sociedade e as motivações por trás das ações individuais.

Em 1776, Adam Smith, o pai da economia política, escreveu as palavras que moldaram nossa compreensão moderna da economia: “Não é da benevolência do açougueiro, do cervejeiro ou do padeiro que esperamos nosso jantar, mas da consideração que eles têm pelos próprios interesses”. [5]

No entanto, a partir do questionamento “Quem cozinha o jantar de Adam Smith”, Marçal explica que, ao contrário do que o economista parecia considerar, não era o interesse pessoal quem fazia o jantar dele, mas a sua mãe.

O pai da economia viveu com a mãe durante a maior parte da vida. Ela cuidava da casa, e uma prima cuidava de suas finanças. Quando foi nomeado agente alfandegário em Edimburgo, sua mãe se mudou com ele. Ela cuidou do filho a vida toda, e essa é uma parte que Adam Smith omite da resposta à questão de como nosso jantar é servido. [6]

Por mais que economistas, políticos e cientistas tenham renegado a importância da atividade doméstica, um grupo parecia estar atento à potência e as possibilidades não atingidas deste trabalho. A Igreja Católica no Brasil dos anos 1930.

3.3– A Ação Católica e as mudanças sociais

A revolução industrial e o êxodo rural no Brasil do início do século XX trouxeram uma mudança substancial nas formas de viver dentro e fora de casa [7]. As mudanças políticas e sociais aceleradas pelas guerras mundiais eram sentidas no mundo todo e o papel da mulher era redefinido não só nos países afetados diretamente pelo conflito. No Brasil, a Era Vargas realizava transformações profundas no tecido social; o trabalhismo e a conquista de diversos direitos para a população efervesciam o período. Em meio às mudanças, também nasciam visões e projetos de mundos distintos. Com o desenvolvimento e o aumento da industrialização e do proletariado novas reivindicações surgiam a partir da má remuneração, péssimas condições de trabalho e extensas cargas horárias. Inspirado pela Internacional Comunista e pela Revolução Russa, o Partido Comunista Brasileiro (PCB) foi criado em 1922 como expressão do aumento de ideologias de esquerda e libertárias. No mesmo ano, a Semana de Arte Moderna inspirada nas vanguardas europeias propunha uma renovação social e artística no Brasil. O Levante do Forte de Copacabana era uma expressão do anseio por uma política democrática e participativa. É também no fatídico ano de 1922 que Dom Sebastião Leme da Silveira Cintra, Arcebispo do Rio de Janeiro e idealizador das Faculdades Católicas funda a Confederação Católica, que se torna mais tarde a Ação Católica Brasileira.

Essa era a resposta da Igreja Católica no Brasil para uma questão global. A Igreja passava por mudanças a partir da publicação da encíclica *Rerum Novarum*: sobre a condição dos operários, pelo Papa Leão XIII [8]. A carta aberta escrita no fim do século XIX explicitava as diretrizes sobre como os católicos deveriam se mobilizar frente às mudanças da Revolução Industrial e da rápida urbanização. O catolicismo social seria responsável pela organização dos trabalhadores, principalmente para frear as influências liberais e socialistas. Segundo a Igreja,

principalmente pela influência dessas novas correntes políticas libertárias e ateístas, o catolicismo estava perdendo a influência na sociedade.

Um dos projetos de recristianização é a Ação Católica. Idealizado pelo Papa Pio XI em 1929, o movimento organizava e orientava cristãos leigos na atuação individual, familiar e social. No Brasil, era liderada por Dom Leme. Segundo o pesquisador Peri Mesquida, o arcebispo acreditava que a Igreja não exercia o poder que deveria. Para ele, os católicos tinham se tornado uma força inoperante. Para retomar o poder na sociedade, a Igreja Católica deveria criar uma camada de intelectuais que assegurassem o consenso não somente na sociedade, mas também no aparelho de Estado [9]. Percebe-se que não se tratava tanto das pessoas terem deixado de frequentar as missas ou deixado de serem católicas, a questão era a batalha ideológica travada na sociedade. A renovação de espírito vinha mais por uma necessidade de mobilização e atuação comum dos católicos frente às mudanças do que uma necessidade de recristianizá-los.

Nesse sentido, o Governo Vargas vai ser uma peça fundamental. Se por um lado era vontade da Igreja ser o elemento de sedimentação de um novo bloco histórico com a ajuda do Estado, da mesma maneira, o Estado precisava da Igreja como aliada para difundir uma visão de mundo favorável ao governo de Vargas. Isso porque a Igreja ainda “era melhor do que qualquer partido político, um aparelho com alcance nacional capaz de mobilizar a opinião pública” [10]. No jogo político, três nomes vão protagonizar as movimentações: o Ministro da Educação e Saúde Gustavo Capanema; Alceu Amoroso Lima, filósofo e líder leigo católico, e a militante católica Stella de Faro. A triangulação permitia a troca de conselhos e influências: Alceu Amoroso Lima conseguia indicar e vetar nomes para os cargos públicos, Gustavo Capanema conseguia fazer valer suas decisões e Stella de Faro participava de comissões que discutiam as reformas do ensino e a presença da mulher na educação.

Figura discreta, Stella de Faro é uma das principais lideranças femininas do movimento laico da Igreja Católica no Brasil. Ela liderou a Seção Feminina da Confederação das Associações Católicas, foi diretora do braço feminino do Instituto Católico de Estudos Superiores e membro da Comissão Nacional de Proteção à Família, onde defendeu a elaboração de uma lei que desse “proteção moral e jurídica à família” [11]. Ainda, ela liderava junto com Alceu Amoroso Lima um dos movimentos católicos mais proeminentes daquele momento: dentro da Ação Católica, ela era a presidente da Liga Feminina. Mais do que um espaço de socialização para as mulheres que desejavam sair de casa, a organização tinha uma forte hierarquia e as tarefas eram tidas com um rigor militar. Segundo a pesquisadora Ana Paula Vosne Martins, em seu artigo sobre o movimento feminino católico brasileiro, no início do século XX:

A Liga Feminina era composta por estagiárias, sócias, militantes, dirigentes e propagandistas, categorias estas definidas pelo tempo de ingresso, experiência e dedicação à Ação Católica. A estagiária era a jovem mulher ingressante nas atividades paroquiais que deveria frequentar as atividades programadas pela Liga, especialmente os cursos de formação. A sócia era aquela mulher que havia assumido um compromisso com a Ação Católica, usava um distintivo, além de desenvolver o trabalho de convencimento e de aproximação com as jovens da paróquia e com as estagiárias, tendo se iniciado no apostolado leigo como missionária. A militante era quem assumia compromissos com a organização da Ação Católica, tendo mais tempo livre para este trabalho. Já a dirigente assumia um apostolado oficial reconhecido e chancelado pela hierarquia eclesiástica. [12]

3.4- Educação se aprende em casa

Por mais que muitas vezes se tenha a impressão de que a história é movimentada pelos homens, as mulheres também eram operárias, comunistas, artistas e militantes. No movimentado ano de 1922, também foi fundada a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, organização que lutava pelos direitos políticos e civis das mulheres e, anos antes, foi fundado o Partido Republicano. Os limites da atuação das mulheres se expandiam para fora de

casa e esse cenário trouxe preocupação para os setores mais conservadores da sociedade. O voto feminino assim como os direitos trabalhistas e à educação eram bandeiras cada vez mais importantes para o movimento das mulheres. Se as mulheres negras e pobres já trabalhavam para sustentar a família, as mulheres de classe média e alta agora iam em busca de trabalhos fora do lar. No entanto, mesmo com todas as expectativas de mudanças políticas, sociais e econômicas, as expectativas domésticas não mudaram: as mulheres continuavam sendo as responsáveis pelo trabalho ou gestão da casa e pela educação dos filhos.

Para a Igreja Católica e outros setores conservadores esse movimento teria desencadeado uma grave crise familiar e estavam receosos de que se desenrolasse em uma crise social. Numa sociedade com papéis sociais bem delimitados, as mulheres deveriam ficar em casa; a vida pública feminina perturbaria a harmonia social. Para solucionar o problema, a Igreja Católica e o Estado pareciam entrar em consenso: ensinar às mulheres a importância de seu papel social, tanto para elas como para a sociedade. Isso, a partir de um projeto pedagógico que proporcionasse às famílias – ou seja, às mulheres – a eficácia científica para reger o cotidiano familiar e assim alcançar melhor qualidade de vida. Se as mulheres conseguissem gerenciar a casa a partir de técnicas otimizadas, elas poderiam se dedicar mais à família. Caberia a elas educar e reajustar as pessoas para reconstruir as famílias e assim a sociedade. Se elas eram as rainhas do lar, responsáveis pela harmonia da casa, era entendimento que caberia a elas o cuidado com a sociedade a partir do cuidado com as famílias.

O trabalho doméstico, seja na educação e reprodução dos filhos ou nas tarefas de casa, é a base da sociedade. E, se em um primeiro momento a família pode parecer um assunto privado e resguardado apenas ao núcleo parental, a família funciona como um espaço de reprodução das relações sociais hegemônicas. A família, muito mais do que um conjunto de pessoas com graus de parentesco, é uma instituição do Estado com um papel social importante. O artigo A família na doutrina social da Igreja e na política social do Estado Novo de autoria da pesquisadora Cynthia Pereira de Sousa Vilhena, expõe a importância da família no cenário político:

À medida que a família é concebida como base do edifício social, a educação ocupa um lugar estratégico porque representa o instrumento com o qual se poderá formar o tipo de homem que melhor corresponda às exigências de uma ordem social que está sendo reformulada. Esta nova ordem social era reivindicada em nome dos princípios da ordem, hierarquia, disciplina, respeito à família e às instituições, cumprimento dos deveres cívicos e amor à pátria forte e coesa, em clara oposição aos postulados do liberalismo democrático, considerado de triste memória e cuja experiência se revelara aos olhos de católicos, políticos e militares, com poucas exceções, um verdadeiro fracasso na Primeira República, atribuindo-se-lhe a responsabilidade pelo desvirtuamento dos propósitos fundamentais que tinham sido a razão de ser da Revolução de 30.

[13]

O entendimento de que a família era a base do edifício social e a educação um instrumento de formação, eram questões estratégicas para o governo Vargas. Estas, eram amplamente aproveitadas pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) como forte estratégia política no período. Vargas não era chamado de pai dos pobres por acaso. A construção de uma imagem forte e carismática do presidente era elaborada em diversas frentes, inclusive em cartilhas com ilustrações e textos fornecidos nas escolas.



Cartilha A Juventude no Estado Novo produzida pelo DIP na década de 1940. Na cartilha lê-se “Crianças! Aprendendo, no lar e nas escolas o culto da Pátria, trareis para a vida prática todas as probabilidades de êxito. Só o amor constrói e, amando o Brasil, forçosamente o conduzireis aos mais altos destinos entre as Nações, realizando os desejos de engrandecimento aninhados em cada coração brasileiro”. Acervo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas.

A estratégia para aprovação e legitimidade do governo passa pela noção de que é em casa e nas escolas que será formado o homem e a mulher que correspondam com o projeto de futuro planejado. No entanto, se Vargas tentava falar com as crianças diretamente nas escolas, entrar nas casas era mais difícil. Guardado pelas donas do lar, o espaço familiar era restrito às influências nucleares. Por isso, seria também necessário que as esposas e mães fizessem parte deste projeto que unia a Igreja e o Estado. Se a família estava no centro da disputa política, caberia às mulheres a educação de toda a sociedade dentro e fora dos lares.

Percebendo essa necessidade, um projeto vinha à luz: em 1934, quando voltou da França, Stella de Faro “começou a colocar em prática o plano de criar uma escola católica de educação familiar e de Serviço Social inspirada no Instituto francês dirigido pelas Filhas do Coração de Maria” [14]. A atuação de Stella de Faro é a síntese do projeto político e pedagógico da Igreja. Sua extensa militância e proatividade fazia dela uma figura que não somente conseguia desempenhar as tarefas designadas de forma eficiente, como tinha um caráter propositivo central. O projeto articulava a criação de uma congregação no Brasil, a ação social e a educação feminina. A instituição de ensino feminina era a materialização dos planos da Igreja não só para as mulheres, mas para o projeto de mobilização da própria Igreja Católica.

3.5- O Instituto Social do Rio de Janeiro

O Instituto Social do Rio de Janeiro foi fundado em 1937 pela Associação das Senhoras Brasileiras e sob o patrocínio de Dom Leme. Em 1944, o Instituto Social foi transferido para a Rua Humaitá, no bairro de Botafogo, Zona Sul do Rio de Janeiro, em um terreno doado pela Sra. Celina Guinle de Paula Machado, membro importante da elite carioca, especialmente para o Instituto Social. Em 1946, foi agregado à Universidade Católica – futura PUC-Rio – e os cursos passaram a fazer parte da grade curricular. Em 1948, ele é a unidade com o maior número de estudantes da Universidade.

O Instituto Social oferecia dois cursos: Educação Familiar e Serviço Social. O norte que guiava os cursos era o mesmo: a profissionalização e a formação da mulher para o trabalho doméstico e para a vida pública. Mas os objetivos práticos eram diferentes: o primeiro era voltado para o lar e o segundo para atuação na sociedade. O Anuário Comemorativo do Jubileu de Prata da PUC-Rio (1940 – 1965) [15] destaca que o curso de Educação Familiar tinha por finalidade:

formar profissionais que ministrem conhecimentos e técnicas para promover e elevar a vida nas famílias; valorizar o papel da mulher no lar, tornando-a apta a desempenhá-lo com alegria; formar elementos capazes de atuar com êxito junto às donas de casa em potencial ou de fato, orientando-as na direção e participação racional de todos os misteres domésticos.

Assinala também que o curso de Serviço Social tinha como objetivos e base na Doutrina Social da Igreja para:

promover a formação de pessoal técnico habilitado para execução e direção do Serviço Social em qualquer dos seus campos, aperfeiçoar e propagar os conhecimentos e técnicas relativas ao Serviço Social contribuir para criar ambiente que proporcione a solução dos problemas sociais.

A ideia era que os dois cursos se complementassem. Além de um plano de estudo que permitisse que as alunas navegassem entre as aulas, o objetivo era principalmente a formação pessoal das alunas. Como explicitado por Dom Leme:

formar entre as mulheres, não de uma classe, mas de todas as classes sociais, uma consciência de comunidade cristã que venha substituir o individualismo liberal egoísta sem cair na socialização inumana e estatal. Para isso, formar assistentes sociais, educadores familiares e donas-de-casa que venham a ser no meio em que vivem e trabalham, nos institutos em que ensinam ou nos ambientes sociais em que atuam, elementos de conexão das anomalias sociais, verdadeiros elementos de renovação pessoal e católica.

A partir da afirmação de Dom Leme, percebe-se que a tarefa feminina só poderia ser desempenhada a partir de uma formação tanto profissional como pessoal. Para que estas mulheres realizassem o trabalho, elas precisavam acreditar nele. O trabalho deveria ser de assistência às famílias e a educação se dava a partir da moralização do exercício do bem, que seria feita paralelamente à ação na sociedade, uma preocupação constante da Igreja Católica. As jovens formadas pelo Instituto Social deveriam trabalhar na formação de cristãos leigos que aumentassem a influência da Igreja na sociedade, mas era a estruturação da família a tarefa principal. Fora de suas casas trabalhavam principalmente com a classe trabalhadora, seja diretamente nas famílias ou ensinando as mulheres operárias a teoria e a prática de ser uma dona de casa cristã. Dentro de suas casas, deveriam formar a elite que seria responsável por conduzir a sociedade.

A mesma lógica por trás da fala de Dom Leme está também na declaração de abertura da monografia de fim de curso da aluna do Instituto Social, Ruth Chagas, em 1946. Segundo ela, “a Educação Familiar tem por objetivo principal a formação pessoal da mulher — formação que, é de grande importância, em razão de seu papel na família” [16]. Nesta frase está a motivação por trás da existência do Instituto Social: o direito à educação para as mulheres, mas somente à sombra do seu papel na família. Ruth Chagas prossegue:

o valor individual da mulher será desenvolvido na família através de uma ação direta que repercutirá imediatamente sobre toda a vida do lar, porque a Educadora Familiar visa preparar valores femininos para o serviço da família e da sociedade em todas as classes sociais. [17]

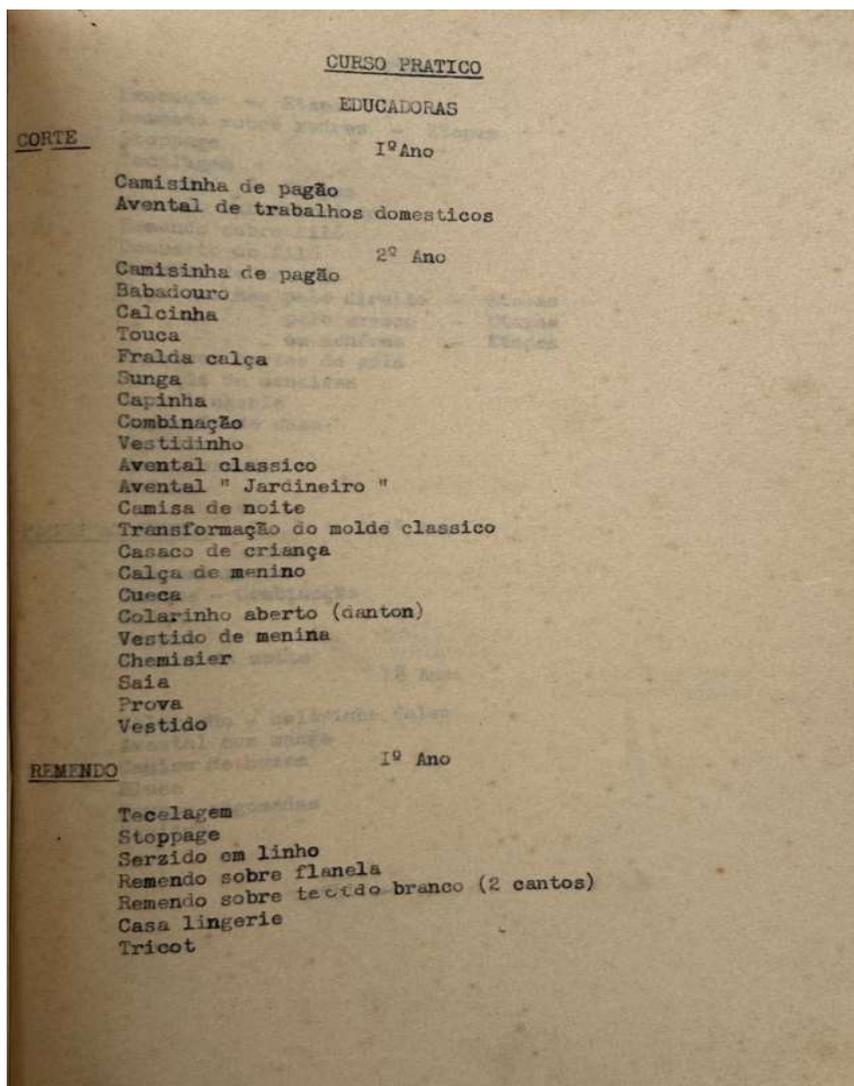
Era necessário formar mulheres para desempenhar seus papéis mais importantes: de mãe, esposa e dona de casa. Assim como os médicos estão a serviço dos enfermos, os padres a serviço dos fiéis e o presidente a serviço do povo, as mulheres estão a serviço da família. Mais do que educadoras familiares e assistentes sociais, o Instituto Social parecia criar uma nova profissão: mulher.

3.6 - Profissão Mulher

Se o objetivo principal do curso era a formação das mulheres, também era preocupação que elas compreendessem a necessidade de seu papel na sociedade e a nobreza que vinha com o cuidar. Não só era importante agir, mas saber porque estavam agindo: “se digo à mulher que deve cumprir seu dever, devo ensinar-lhe também o motivo pelo qual deve cumprir-lo (sic) e a maneira de o fazer” [18]. A formação das alunas era dividida entre aulas práticas e teóricas. Enquanto as alunas de Serviço Social se formariam para serem assistentes sociais – e também mães de família –, as alunas de Educação Familiar se tornariam mães de família e professoras de Ensino Familiar e Doméstico.

Nesse sentido, alguns documentos são imprescindíveis para entender o funcionamento e a lógica por trás dos cursos. Estes são: os Anuários da PUC-Rio de 1946 até 1967 e os programas de disciplinas.

Entre 1938 e 1946 o Instituto Social funcionava de forma autônoma e como estava ainda na fase inicial tinha menos infraestrutura e por isso, também, uma menor disponibilidade de disciplinas do que nas décadas seguintes. O Programa de 1938 destaca [19] nos primeiros anos em que o Instituto Social funcionou, que ambos os cursos tinham uma grade de Programa de Filosofia Moral, com objetivo de oferecer formação teórica das mulheres. As aulas ministradas eram: Moral Geral, Moral Profissional, Psicologia, Psiquiatria, Sociologia, Educação Familiar, Elementos de Anatomia e Elementos de Cirurgia. Já as aulas ministradas para a profissionalização das assistentes sociais e educadoras familiares eram: Higiene Social, Práticas de Higiene, Enfermagem, Pediatria Preventiva e Higiene Infantil, Assistência e Legislação Social, Legislação do Trabalho, Direito Civil, Direito Comercial, Direito Constitucional, Estatística, Serviço Social, Economia Doméstica e Alimentação. No entanto, nos primeiros anos as Educadoras Familiares tinham um curso prático com aulas de corte, remendo e passo ao ferro, que iam desde o corte de aventais, calcinhas, colarinhos até remendos serzidos em linho ou tricot, conforme destaca a imagem abaixo:



Grade de aulas oferecidas às Educadoras Familiares do Instituto Social. Programa de 1938. Acervo Reitoria da PUC-Rio.

Com o passar dos anos, mais professores entram para o quadro de docentes e mais disciplinas vão sendo disponibilizadas. Os cursos começam a se organizar em um formato mais parecido com cursos de nível superior. Como nem as assistentes sociais nem as educadoras familiares eram profissões regulamentadas, o exercício da função, os requisitos, as competências e as habilidades necessárias vão sendo pensadas e moldadas por algumas personalidades que dirigiram as escolas de Serviço Social e de Educadoras Familiares, dentre elas Stella de Faro, Marie Cumenge, Germaine Marsaud, Aracy Cardoso, Aylda Pereira e Alceu Amoroso Lima.

A partir de 1947, os cursos ganham uma melhor organização a partir da disponibilização de aulas, professores e estágios. É neste ano que o Serviço Social ganha o primeiro Código de Ética Profissional dos Assistentes Sociais [20], aprovado em Assembleia Geral da Associação Brasileira de Assistentes Sociais (ABAS), em São Paulo. Na leitura da seção de “Deveres Fundamentais”, o primeiro dever é

1. Cumprir os compromissos assumidos, respeitando a lei de Deus, os direitos naturais do homem, inspirando-se sempre em todos seus atos profissionais, no bem comum e nos dispositivos da lei, tendo em mente o juramento prestado diante do testemunho de Deus.

Outro dever do assistente social deveria ser o de “respeitar no beneficiário do Serviço Social a dignidade da pessoa humana, inspirando-se na caridade cristã”. As duas proposições feitas em um documento oficial aprovado em uma assembleia geral apontam como o Serviço

Social era uma profissão intimamente inspirada no cristianismo. Desde sua gênese, por ser um trabalho de cuidado e serviço, é vista como um trabalho feminino. E estas ideias estão sendo moldadas pelas primeiras escolas de Serviço Social. O Instituto Social do Rio de Janeiro é a segunda escola de Serviço Social do Brasil. Com a formalização do Serviço Social as aulas se tornam mais específicas para a formação das profissionais. No entanto, era imprescindível que os cursos se completassem ainda pela necessidade de que se formassem acima de tudo mulheres católicas.

O plano de estudos da Escola de Serviço Social e da Escola de Educação Familiar publicado no Anuário de 1955 da Universidade Católica do Rio de Janeiro, futura PUC-Rio, aponta que muitas disciplinas ainda uniam as duas formações. As alunas de Serviço Social tinham aulas de Educação Familiar, Alimentação, Pediatria e Puericultura, como as alunas de Educação Familiar tinham aula de Serviço Social, Sociologia, Direito Civil e Moral. As assistentes sociais tinham aulas mais voltadas para questões trabalhistas, com aulas sobre Higiene e Organização do Trabalho, e também de Contabilidade, Economia Política e Filosofia. Aquelas que estudavam para Educação Familiar, tinham um aprendizado voltado para o lar, com aulas sobre Economia Doméstica, Ética e Estética Familiar e Psicologia Infantil, mas também com aulas sobre Jardim de Infância e Orientação Educacional.

A maior diferença entre os dois cursos estava nas questões práticas, pois todas tinham um estágio de enfermagem e aprendiam sobre a organização da casa. Se por um lado as assistentes sociais se voltavam para visitas a obras sociais e domiciliares, as educadoras familiares botavam a mão na massa nas tarefas domésticas em práticas de habitações e aprendiam o necessário para resguardar as condições gerais, arranjo, conservação, arejamento, iluminação da casa; e vestuário, em que aprendiam sobre moldes, costura e confecção e conservação e organização das despesas da casa.

P L A N O D E E S T U D O S																																																																																					
<p style="text-align: center;">ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL</p> <p>1.^a SÉRIE</p> <table border="0" style="width: 100%;"> <tr><td>Sociologia</td><td>Estatística</td></tr> <tr><td>Psicologia</td><td>Introdução ao Serviço Social</td></tr> <tr><td>Ética Geral</td><td>Serviço Social de Casos</td></tr> <tr><td>Noções de Direito</td><td>Serviço Social de Grupo</td></tr> <tr><td>Higiene e Medicinal Social</td><td>Cultura Religiosa</td></tr> </table> <p>2.^a SÉRIE</p> <table border="0" style="width: 100%;"> <tr><td>Sociologia</td><td>Higiene e Medicina Social</td></tr> <tr><td>Psicologia</td><td>Serviço Social de Casos</td></tr> <tr><td>Economia Social</td><td>Serviço Social de Grupo</td></tr> <tr><td>Pesquisa Social</td><td>Atividades de Grupo</td></tr> <tr><td>Higiene Mental</td><td>Org. Social da Comunidade</td></tr> <tr><td>Ética Profissional</td><td>Cultura Religiosa</td></tr> <tr><td>Legislação Social</td><td></td></tr> </table> <p>3.^a SÉRIE – <i>Regime Obrigatório</i></p> <ul style="list-style-type: none"> Organização Social da Comunidade Pesquisa Social Administração de Obras Sociais Cultura Religiosa Doutrina Social da Igreja <p><i>Regime Optativo</i></p> <p>A – Setor de Família</p> <ul style="list-style-type: none"> Serviço Social de Família Educação Familiar Economia Doméstica Puericultura <p>B – Setor de Menores</p> <ul style="list-style-type: none"> Serviço Social de Menores Direito de Menor Aspectos psico-pedagógicos da conduta do menor <p>C – Setor Médico-Social</p> <ul style="list-style-type: none"> Serviço Social Médico – Nutrição Aspectos médico-sociais das moléstias <p>D – Setor do Trabalho</p> <ul style="list-style-type: none"> Serviço Social do Trabalho e Técnicas Auxiliares Higiene e Segurança do Trabalho 	Sociologia	Estatística	Psicologia	Introdução ao Serviço Social	Ética Geral	Serviço Social de Casos	Noções de Direito	Serviço Social de Grupo	Higiene e Medicinal Social	Cultura Religiosa	Sociologia	Higiene e Medicina Social	Psicologia	Serviço Social de Casos	Economia Social	Serviço Social de Grupo	Pesquisa Social	Atividades de Grupo	Higiene Mental	Org. Social da Comunidade	Ética Profissional	Cultura Religiosa	Legislação Social		<p style="text-align: center;">ESCOLA DE EDUCAÇÃO FAMILIAR</p> <p>1.^a SÉRIE</p> <table border="0" style="width: 100%;"> <tr><td>Moral</td><td>Enfermagem</td></tr> <tr><td>Alimentação Teórica</td><td>Educação Familiar</td></tr> <tr><td>Alimentação Prática</td><td>Pequenas Indústrias</td></tr> <tr><td>Noções de Direito</td><td>Engomagem</td></tr> <tr><td>Puericultura</td><td>Remendo</td></tr> <tr><td>Cultura Religiosa</td><td>Molde</td></tr> <tr><td>Economia Doméstica</td><td>Costura</td></tr> <tr><td>Psicologia</td><td>Higiene Geral</td></tr> <tr><td>Lingerie</td><td>Círculos de Estudos</td></tr> </table> <p>2.^a SÉRIE</p> <table border="0" style="width: 100%;"> <tr><td>Atividade de Grupo</td><td>Metodologia</td></tr> <tr><td>Cultura Religiosa</td><td>Pequenas Indústrias</td></tr> <tr><td>Higiene Social</td><td>Decoração</td></tr> <tr><td>Pedagogia</td><td>Círculos de Estudos</td></tr> <tr><td>Alimentação Teórica</td><td>Engomagem</td></tr> <tr><td>Noções de Didática</td><td>Remendo</td></tr> <tr><td>Economia Doméstica</td><td>Molde</td></tr> <tr><td>Costura</td><td>Lingerie</td></tr> </table> <p>3.^a SÉRIE</p> <table border="0" style="width: 100%;"> <tr><td>Doutrina Social da Igreja</td><td>Técnica de Grupo</td></tr> <tr><td>Higiene Metal</td><td>Molde</td></tr> <tr><td>Cultura Religiosa</td><td>Costura</td></tr> <tr><td>Moral Profissional</td><td>Prática de Metodologia</td></tr> <tr><td>Noções de Serviço Social</td><td>Indústrias Rurais Caseiras</td></tr> </table> <p style="text-align: center;">CURSO DE PREPARAÇÃO PARA O LAR</p> <table border="0" style="width: 100%;"> <tr><td>Puericultura</td><td>Remendo</td></tr> <tr><td>Enfermagem</td><td>Cozinha</td></tr> <tr><td>Educação Familiar</td><td>Engomagem</td></tr> <tr><td>Economia Doméstica</td><td>Molde</td></tr> <tr><td>Cultura Religiosa</td><td>Pequenas Indústrias</td></tr> <tr><td>Moral</td><td>Círculos de Estudos</td></tr> <tr><td>Lingerie</td><td>Indústrias Rurais Caseiras</td></tr> <tr><td>Costura</td><td></td></tr> </table>	Moral	Enfermagem	Alimentação Teórica	Educação Familiar	Alimentação Prática	Pequenas Indústrias	Noções de Direito	Engomagem	Puericultura	Remendo	Cultura Religiosa	Molde	Economia Doméstica	Costura	Psicologia	Higiene Geral	Lingerie	Círculos de Estudos	Atividade de Grupo	Metodologia	Cultura Religiosa	Pequenas Indústrias	Higiene Social	Decoração	Pedagogia	Círculos de Estudos	Alimentação Teórica	Engomagem	Noções de Didática	Remendo	Economia Doméstica	Molde	Costura	Lingerie	Doutrina Social da Igreja	Técnica de Grupo	Higiene Metal	Molde	Cultura Religiosa	Costura	Moral Profissional	Prática de Metodologia	Noções de Serviço Social	Indústrias Rurais Caseiras	Puericultura	Remendo	Enfermagem	Cozinha	Educação Familiar	Engomagem	Economia Doméstica	Molde	Cultura Religiosa	Pequenas Indústrias	Moral	Círculos de Estudos	Lingerie	Indústrias Rurais Caseiras	Costura	
Sociologia	Estatística																																																																																				
Psicologia	Introdução ao Serviço Social																																																																																				
Ética Geral	Serviço Social de Casos																																																																																				
Noções de Direito	Serviço Social de Grupo																																																																																				
Higiene e Medicinal Social	Cultura Religiosa																																																																																				
Sociologia	Higiene e Medicina Social																																																																																				
Psicologia	Serviço Social de Casos																																																																																				
Economia Social	Serviço Social de Grupo																																																																																				
Pesquisa Social	Atividades de Grupo																																																																																				
Higiene Mental	Org. Social da Comunidade																																																																																				
Ética Profissional	Cultura Religiosa																																																																																				
Legislação Social																																																																																					
Moral	Enfermagem																																																																																				
Alimentação Teórica	Educação Familiar																																																																																				
Alimentação Prática	Pequenas Indústrias																																																																																				
Noções de Direito	Engomagem																																																																																				
Puericultura	Remendo																																																																																				
Cultura Religiosa	Molde																																																																																				
Economia Doméstica	Costura																																																																																				
Psicologia	Higiene Geral																																																																																				
Lingerie	Círculos de Estudos																																																																																				
Atividade de Grupo	Metodologia																																																																																				
Cultura Religiosa	Pequenas Indústrias																																																																																				
Higiene Social	Decoração																																																																																				
Pedagogia	Círculos de Estudos																																																																																				
Alimentação Teórica	Engomagem																																																																																				
Noções de Didática	Remendo																																																																																				
Economia Doméstica	Molde																																																																																				
Costura	Lingerie																																																																																				
Doutrina Social da Igreja	Técnica de Grupo																																																																																				
Higiene Metal	Molde																																																																																				
Cultura Religiosa	Costura																																																																																				
Moral Profissional	Prática de Metodologia																																																																																				
Noções de Serviço Social	Indústrias Rurais Caseiras																																																																																				
Puericultura	Remendo																																																																																				
Enfermagem	Cozinha																																																																																				
Educação Familiar	Engomagem																																																																																				
Economia Doméstica	Molde																																																																																				
Cultura Religiosa	Pequenas Indústrias																																																																																				
Moral	Círculos de Estudos																																																																																				
Lingerie	Indústrias Rurais Caseiras																																																																																				
Costura																																																																																					
– 158 –	– 159 –																																																																																				

Plano de estudos da Escola de Serviço Social e da Escola de Educação Familiar. Anuário de 1955 da Universidade Católica do Rio de Janeiro. Acervo Núcleo de Memória da PUC-Rio.

Em 1953 o Serviço Social é regulamentado no Brasil, o que promove uma mudança substancial entre a formação das assistentes sociais e das educadoras familiares. Os dois cursos vão se distanciando cada vez mais, o Serviço Social ganha um status de profissão e o curso de educadoras familiares parece se tornar um curso realmente para jovens que queiram se tornar donas de casa.

3.7- Duas funções, uma operária

A formação teórica moral era importante para que a moralidade cristã fosse refletida em todas as ações das jovens. Por mais que os cursos tenham como objetivo a manutenção do papel social da mulher como dona de casa, ou seja, resguardado ao espaço privado, os cursos preparavam as mulheres para profissões com uma intensa atuação pública. O Instituto Social era uma iniciativa da agência feminina da Ação Católica, que desde o início tinha uma tarefa pedagógica essencial na classe trabalhadora. A questão social era uma das principais preocupações da Igreja Católica, tanto que a encíclica *Rerum Novarum* é dedicada inteiramente à questão dos trabalhadores. Com um movimento operário nascido no Brasil, a partir de ideias anarquistas e socialistas, um campo importante na batalha da dita recristianização deveria acontecer nas fábricas.

Esta é uma das razões de ordem social dos cursos de Educação Familiar e Serviço Social. Ao elencar a necessidade de um Instituto Social em sua monografia [21], Ruth Chagas explica que os cursos são de extrema importância para a sociedade principalmente porque os

trabalhadores não conseguiam compreender os próprios direitos. Isso, segundo ela, causava alguns atritos com os patrões e, no fim, tornava o trabalho ainda mais penoso. Uma história relatada por Ruth é emblemática: o acontecimento foi contado por um dos diretores de uma fábrica de tecidos do Rio de Janeiro, mas segundo Ruth, este seria apenas um exemplo de acontecimentos cotidianos. O diretor explicou que no dia de um importante evento, a inauguração dos Serviços de Assistência à Criança, os operários da fábrica se revoltaram e apedrejaram a obra. Segundo os trabalhadores, aquela ação era revoltante porque que os lucros da empresa seriam melhor empregados se fossem distribuídos entre todos. Ruth acreditava, assim como outras alunas, que "muitos benefícios conferidos pelos patrões eram mal recebidos pelos trabalhadores". E ainda lamenta que atitudes como esta explicavam o porquê de ser "tão comum ouvir de patrões 'Não faço mais nada pelos empregados, são tão mal agradecidos'" [22]. E continua:

Todos os dias encontramos patrões pouco satisfeitos e até revoltados com as leis sociais que lhes impõem 'inúteis e tamanhas obrigações'. E o que dizer do meio operário? Não é de se lastimar como os maiores beneficiados recebem a proteção da lei? - Que dizer de um empregado que depois de ter garantida sua efetivação no serviço, trabalha com desinteresse e aborrecimento?(...) Essa incompreensão do uso de seus direitos revelam-nos uma lamentável deficiência de educação dos nossos trabalhadores. [23]

No entanto, para Ruth Chagas, o problema era ainda mais profundo pois para ela, a questão não era propriamente a má remuneração, as péssimas condições de trabalho ou a falta de incentivos, o problema estava na organização e planejamento de vida dos trabalhadores. Segundo ela, os operários não faziam bom uso do salário e muitas vezes gastavam tudo em álcool e no jogo. Essa era uma preocupação comum do Serviço Social e da Educação Familiar. Tanto, que o alcoolismo era tratado junto com doenças como tuberculose e verminose na aula de Higiene Social e estudado como "inimigos da família" junto ao anti-concepçãoismo, falta de princípios espirituais e divórcio na aula de Moral. Para resolver estes problemas sociais que se manifestavam principalmente nos homens, seria imprescindível a "cooperação das mulheres no seu fundamental papel de dona de casa" [24]. Segundo ela,

não adianta aumentar-lhes o salário, dar-lhes regalias, se a dona da casa não estiver à altura de recebê-los"(...) quando a mulher não sabe cozinhar e não quer melhorar... a saúde de todos se ressentirá. Haverá menos prazer quando se reúne ao redor da mesa.

[25]

E essa era o principal campo de atuação das assistentes sociais e educadoras familiares formadas pelo Instituto Social: a família. Caberia às assistentes sociais, mas principalmente às educadoras familiares, "educar, reajustar e fortalecer cada personalidade contribuindo assim para a reconstrução da família e portanto da sociedade" [26]. E na esfera pública, esse era o principal dever, ensinar às mulheres pobres o papel social das mulheres. Ainda, o papel da operária era entendido como o mais primordial dado que "suas faltas e omissões eram mais sentidas pelas famílias" [27]. Além disso, o salário que os operários ganhavam era muito pouco, o que obrigava não somente os homens mas também as mulheres a trabalharem nas fábricas. Por isso, elas também faziam bicos como empregadas domésticas, cozinheiras e passadeiras. Cabia às educadoras familiares ainda ensinar como deveriam cuidar melhor da família.

Com o mesmo salário do marido haverá maior felicidade, se for bem organizada, achará ainda tempo para pequenos trabalhos que poderão trazer ganho suplementar, sem entretanto, privar a família de sua presença. [28]

Ruth ainda complementa:

quando a mãe não está preparada para seus deveres (...) haverá desequilíbrio no orçamento. E todo o organismo social sofrerá as consequências de uma de suas células porque a mãe foi incompetente. (...) Se souberem desempenhar perfeitamente o mister de donas de casa, não só equilibrarão o orçamento, realizando pelo menos o mínimo de conforto necessário ao homem, mas também impunirão um cunho pessoal ao lar, tornando-o mais atraente para o marido encontrar repouso. [29]

No entanto, por mais que as alunas do Instituto Social tivessem planos ambiciosos para as operárias, as condições materiais eram verdadeiros empecilhos. Por isso, se as alunas do Instituto Social aprendiam as técnicas para compreenderem os métodos, para as operárias, as técnicas que aceleravam e facilitavam o trabalho doméstico tinham o intuito de tornar mais atraentes e fáceis as tarefas. E, mesmo que as educadoras e assistentes ensinassem o que elas próprias aprendiam para suas casas - a otimização das tarefas domésticas para que conseguissem realizar as tarefas de casa e cuidar da família em menos tempo - não parecia surtir efeito. Por isso, os cursos eram pensados especialmente para as operárias e seguiam estratégias, negociadas com os empregadores, de como organizar horas disponíveis para o curso dentro dos próprios locais de trabalho ou nas casas. Além disso, eram organizados centros infantis para deixar as crianças. Na monografia, Ruth relata que escutou da melhor aluna de um dos cursos que “não vale a pena se dedicar em casa, ninguém reconhece, é melhor se dedicar fora de casa, pois se recebe um elogio ou uma recompensa” [30]. Segundo Ruth, o maior desafio das profissionais do Instituto Social era reverter o desinteresse pelo trabalho doméstico:

Despreparada, a mulher acha chato, cansativo, monótono e começa a se irritar. Ora, se é desagradável, não pode apreciá-la e não apreciando será mais solicitada por outros atrativos da vida como cinema, passeio, etc. tanto mais que adquirindo uma falsa concepção de independência, poderá alegar que o dinheiro que tem é fruto do seu trabalho deixando egoisticamente de dar sua contribuição para as despesas do lar. [31]

Ainda:

em geral, tem-se a impressão que nossa gente não ama o trabalho. Quando inicia um serviço, não vai até o fim. No começo, muito entusiasmo, projetos, mas sem a perseverança, essa energia que exige qualquer trabalho mais difícil ou de maior valor, chega logo o desânimo(...). Tendo com o que viver nem lhes passa pela cabeça a ideia de melhorar. ‘Pra que? Gente pobre vive assim mesmo’ Desde cedo começam a trabalhar mas só para ter com o que viver, ou para satisfazer as necessidades da casa, da família, etc. E as vezes chegam até o fim da vida com os mesmos métodos, mesma rotina e mesma mentalidade. O trabalho só tem valor pelo resultado imediato que traz. É preciso pois, modificar como dissemos, a ideia que se tem do trabalho. Longe de ser um pesadelo, um castigo, é um meio de ocupar a vida e por conseguinte, de afirmar a personalidade. [32]

4.0- Conclusão

As jovens alunas do Instituto Social se formaram. Algumas foram exercer a profissão, outras não. Umas se tornaram mães, esposas, donas de casa. O aprendizado adquirido nos anos de formação moldou suas identidades e permitiu que elas idealizassem seus projetos. Agora elas eram melhores mães, esposas e donas de casa. Fora do lar, muitas fizeram da atuação social e da profissão a motivação da vida. No entanto, a profissionalização das mulheres do Instituto Social em vez de as tornarem mais valiosas para o mercado de trabalho – como ocorre com um jovem que se torna advogado ou engenheiro – apenas as tornaram mais especializadas para fazer um trabalho pelo qual na maioria das vezes não receberão em troca nenhuma remuneração. Ainda, o trabalho realizado por elas é pensado para que o trabalho do marido se torne mais fácil; ele não vai arrumar a própria casa, lavar a própria louça e roupa ou sequer pensar no que vai comer.

Gerenciar um lar demanda tempo, meios e técnicas. Muito além de acordar os filhos; fazer o café da manhã; arrumar as camas; lavar a louça; lavar, secar e passar a roupa; varrer e passar pano no chão; ir ao mercado; fazer o almoço; lavar a louça novamente; levar à escola; costurar e cerzir as roupas desgastadas; organizar a casa; fazer o jantar e lavar a louça de novo. Há a constante necessidade de pensar todas essas tarefas antecipadamente. É necessário pensar antes quais são os ingredientes necessários para todas as refeições do dia, como eles serão preparados, se as crianças vão comer os legumes e as verduras, para só depois preparar. É necessário pensar qual a ordem das roupas a serem lavadas, quais precisam ser retiradas as

manchas, quais podem ir com quais dentro da máquina de lavar – e pensar que antes eram lavadas a mão –, que produtos de limpeza precisam ser comprados e se vai precisar tirar as roupas do varal mais cedo porque pode ser que chova. Isso, na realidade de uma mulher de classe média ou alta, que não se preocupa constantemente se o pouco de dinheiro que ganha vai ser suficiente para comprar a comida dos filhos. Para uma mulher que não tem que contar com o desconto em algum alimento ou produto de limpeza para conseguir fazer uma refeição ou lavar uma roupa. Para uma mulher que não cuida de algum parente doente. Principalmente, para uma mulher que não trabalha, ou melhor, que não trabalha em um emprego de verdade em que receba um salário e tenha sua carteira de trabalho assinada. Na época, a dupla jornada de trabalho não era novidade para as mulheres pobres, mas no momento em que as mulheres de classe média e alta entraram no mercado de trabalho, virou a realidade de muitas mulheres. Algumas têm dinheiro suficiente para contratar outras mulheres para fazer o serviço de casa enquanto elas trabalham fora, outras ainda largam os empregos quando se casam para cuidar da família. Muitas ainda fazem os dois.

Os papéis sociais de gênero transmitidos por meio das relações sociais produzem comportamentos, discursos e escolhas – inclusive profissionais. Para Gilberto Velho no artigo *Memória, identidade e projeto* [33], o projeto e a memória “associam-se e articulam-se ao dar significado à vida e às ações dos indivíduos”. O discurso que reitera o papel da mulher como mãe e dona de casa, naturalizando e feminilizando o cuidado, a bondade e o doméstico é o mesmo discurso que a partir do entendimento de que essa é a identidade da mulher, vai projetar um futuro em que as mulheres são bondosas, cuidadoras e donas de casa. Para o antropólogo, a memória é a base que dá consistência à formulação e condução do projeto. No entanto, o projeto não é algo abstratamente racional, e sim o “resultado de uma deliberação consciente a partir das circunstâncias, do campo de possibilidades”. Nunca esta conduta organizada para atingir finalidades específicas que é o projeto vai ser algo pensado desligado de uma realidade, o projeto sempre será pensado a partir das condições materiais possíveis, levando em conta outros atores e outros projetos. Nesta complexidade e heterogeneidade das sociedades modernas, Velho afirma que:

a multiplicidade de motivações e a própria fragmentação sociocultural ao mesmo tempo que produzem quase que uma necessidade de projetos, trazem a possibilidade de contradição e conflito. Por isso mesmo, o projeto é dinâmico e é permanentemente reelaborado, reorganizando a memória do ator, dando novos sentidos e significados, provocando com isso repercussões na sua identidade. [34]

Ao analisar o projeto da Igreja Católica para as mulheres, é interessante pensar como ele vai se adaptando aos projetos pensados pelas próprias, tanto projetos pensado por militantes católicas como para elas mesmas. O projeto de Stella de Faro é caracterizado pela multiplicidade de motivações, contradições e conflitos. A ideia de criar um Instituto Social com cursos de Serviço Social e Educação Familiar foi, em última análise, a ideia de mulheres como Stella de Faro. Ela era militante pelo voto feminino, mesmo que a motivação fosse porque as mulheres votariam em candidatos alinhados com as pautas da Igreja – ou não. Ela defendia um modelo de educação, de atuação feminina e de mulher. Stella nunca se casou, ela dedicou a maior parte de sua vida à frente de projetos católicos importantes para a sociedade.

Esses projetos eram apoiados e movimentados por outras mulheres que colocavam a mão na massa e os corpos na rua para que seus próprios projetos fossem colocados em marcha. Nesse sentido, a atuação das mulheres no Instituto Social vai ser símbolo dessas mudanças e das contradições do projeto da Igreja no início do século XX. O papel da mulher como dona do lar, resguardada dentro dos limites da casa, é posto em oposição ao papel da mulher militante católica que está constantemente nas ruas ensinando e ajudando pessoas. As alunas do Instituto Social não só visitavam obras sociais como atuavam como profissionais de assistência social para melhorar a qualidade de vida das pessoas. Como professoras, elas ensinavam crianças no Ensino Básico e adultos no Ensino Superior, e também trabalhavam como donas de casa. Não

só o trabalho como assistente social e educadora familiar, mas como aluna do Instituto Social e até mesmo na militância em outros projetos da Igreja, a atuação dessas mulheres trazia prestígio social. As ações, mesmo que restritas a quermesses e projetos pequenos das paróquias, traziam retornos importantes. Ao falar sobre as agências femininas, a historiadora Ana Paula Vose Martins comenta:

participar de associações majoritariamente compostas por mulheres de elite dava a elas uma visibilidade social bastante positiva, amealhando um capital simbólico considerável aos olhos dos seus pares e das pessoas subalternas, afinal eram mulheres e jovens distintas não só pela classe social, mas pela respeitabilidade que a participação nas associações garantia especialmente para as lideranças. [35]

As organizações das mulheres não eram boas somente para as imagens que transmitiam para a sociedade, eram boas também para a qualidade de vida delas. Ao planejar e organizar eventos e debater e conversar com outras mulheres, essas associações eram verdadeiros espaços de sociabilidade. A sociabilidade feminina era um verdadeiro desafio para milhares de mulheres que passavam a maior parte da sua vida em espaços privados. Se saíam das casas de suas famílias, era para ir morar com o marido e, ao exercer o papel de mãe, ficavam cada vez mais restritas entre as paredes de casa. A Igreja era muitas vezes um dos únicos lugares de sociabilidade que as mulheres poderiam frequentar.

Ainda, o projeto da Igreja que pensa o Instituto Social e o ensino especializado de tarefas domésticas parece de certa forma abrir para as mulheres um tipo de liberdade, mesmo que condicionada. A partir da sistematização das tarefas domésticas, as técnicas permitiam que as mulheres gastassem menos tempo arrumando a casa e cuidando das crianças, o que influía em um tempo livre, que elas poderiam gastar com a família, ou não.

Ao se debruçar sobre as mulheres que integraram a Pia União das Filhas de Maria, uma associação religiosa feminina no Brasil, a pesquisadora Ioneide Brion destrincha a atuação das mulheres na organização do projeto da Igreja. Feito também por elas, mesmo que fortuitamente, “se por um lado deviam moldar o feminino e lhes dar uma pretensa liberdade por outro, acabaram permitindo que as associadas recriassem suas identidades enquanto mulheres e tomassem posições que se opunham ao modelo criado”. [36]

O que Ioneide observou no caso da Pia União, se repetia nos outros projetos em que as mulheres atuavam. Mesmo que não fossem as idealizadoras do projeto, elas eram ativamente responsáveis pelo seu desenvolvimento. Se os cursos do Instituto Social reafirmavam os papéis de gênero vigentes, ao mesmo tempo ele tensionava as relações de gênero, expandia as possibilidades do feminino e formavam um novo modelo de mulher.

5.0- Referências

- [1] PLENÁRIO - Votação do pedido de impeachment da presidente Dilma Rousseff - 17/04/2016 - 14:00. Brasília: Câmara dos Deputados, 2016. 1 vídeo (09:49:00). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V-u2jD7W3yU&t=1s>. Acesso em: 22 ago. 2024.
- [2] MICHEL TEMER FAZ primeiro pronunciamento à nação como presidente efetivo. Brasília: CanalGov, 2016. 1 vídeo (05:05). Disponível em: https://youtu.be/Yx_H7oMDdsE?si=fCGiBiA6QzoQJxOf. Acesso em: 22 ago. 2024.
- [3] NEVES, Margarida de Souza. Educação francesa no Rio de Janeiro. In: KOURY, Lucia (org.). **Colégio Sacré Couer de Jésus**: Morro da Graça: sua história, nossas memórias. Rio de Janeiro: Outras Letras, 2023. p.95-104.
- [4] NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL. Trabalho doméstico não remunerado representa até 39% do PIB dos países, diz ONU Mulheres. Brasília, ONU Brasil, 06 mar. 2017. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/75901-trabalho-dom%C3%A9stico-n%C3%A3o-remunerado-representa-at%C3%A9-39-do-pib-dos-pa%C3%ADses-diz-onu-mulheres>. Acesso em: 28 ago. 2024.

- [5] MARÇAL, Katrine. **O lado invisível da economia**: uma visão feminista do capitalismo. 2ª ed. Rio de Janeiro: Alaúde, 2022. p.18.
- [6] Ibid., p.25.
- [7] MESQUIDA, Peri. A Educação na Restauração Lemista da Igreja: a Missão de Tristão de Athayde e Stella de Faro no Ministério da Educação e Saúde Pública: 1934-1945. **Revista Diálogo Educacional**, Paraná, v. 9, n. 27, p. 279–295, 2009. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/3577>. Acesso em: 3 maio de 2024.
- [8] MARTINS, Ana Paula Vosne. As mulheres católicas e as origens do Serviço Social: o caso do Instituto Social do Rio de Janeiro (1937-1947). **Em Pauta**, Rio de Janeiro, n. 47, v.19, p. 184-201, 2021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistaempauta/article/view/56088/36721>. Acesso em: 15 de agosto de 2024. p. 186.
- [9] MESQUIDA, Peri, op.cit., p. 282.
- [10] Ibid., p.284.
- [11] Ibid., p.292.
- [12] MARTINS, Ana Paula Vosne. Disciplina e piedade: o movimento feminino católico brasileiro no começo do século XX. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Universidade Estadual de Maringá, Paraná, v. 9, n. 26, p. 184-207, set/dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/31717/17711>. Acesso em: 15 agosto de 2024. p. 202.
- [13] VILHENA, Cynthia Pereira de Sousa. A família na doutrina social da Igreja e na política social do Estado Novo. **PePsic**, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, v. 3, n. 1-2, p. 45-57, 1992. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51771992000100005. Acesso em: 15 agosto de 2024.
- [14] MARTINS, Ana Paula Vosne. As mulheres católicas..., op.cit., p. 195.
- [15] FACULDADES CATÓLICAS. Anuário do Jubileu de Prata da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1940-1965. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1966.
- [16] CHAGAS, Ruth. **Educação familiar e serviço social**. 1946. 47f. Monografia (Bacharelado em Serviço Social) - Instituto Social, Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1946. p.2.
- [17] Ibid.
- [18] Ibid., p.7.
- [19] INSTITUTO SOCIAL. Programa de 1938. Instituto Social, Rio de Janeiro, 1938.
- [20] ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ASSISTENTE SOCIAIS. Código de ética profissional dos assistentes sociais. São Paulo, Associação Brasileira de Assistentes Sociais, São Paulo, 29 nov. 1947. Disponível em: https://www.cfess.org.br/arquivos/CEP_1947.pdf. Acesso em: 28 ago. 2024.
- [21] RUTH, Chagas, op.cit., p.3.
- [22] Ibid.
- [23] Ibid.
- [24] Ibid., p.4.
- [25] Ibid., p.6.
- [26] Ibid., p.33.
- [27] Ibid., p.6.
- [28] Ibid., p.4.
- [29] Ibid., p.6.
- [30] Ibid.
- [31] Ibid., p.7.
- [32] Ibid., p.22.

[33] VELHO, Gilberto. Memória, identidade e projeto. *In*: VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose**. Antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. p.97-105.

[34] *Ibid.*, p.104.

[35] MARTINS, Ana Paula Vosne. Disciplina e piedade..., *op.cit.*, p.194.

[36] BRION, Ioneide Maria Piffano. **As filhas de Maria**: uma história social da Pia União. 2009. 168f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2009.